

DO GLORIOSO PASSADO DAS MARINHAS DO SADO...

Renato Neves* - Mãe d'água

Resumo: Este trabalho baseia-se na análise de fotografias aéreas da área do salgado do Sado, desde meados de 1980 até à actualidade. Nele se espelha a evolução da ocupação do salgado com a sua utilização para diferentes fins, nomeadamente a aquacultura, os arrozais, e a destruição pela expansão urbana e infra estruturas rodoviárias, questionando-se o deficiente ordenamento a que a área está sujeita.

Glorioso passado

No conjunto dos salgados portugueses o Sado assumiu um papel especialmente preponderante tendo em determinados períodos sido o principal centro produtor nacional, quer em número de marinhas quer em produção global. Como é bem conhecido o chamado *sal de Setúbal* foi um dos principais produtos de exportação de Portugal, assegurando algum equilíbrio comercial a uma economia periclitante, resultante de circunstâncias históricas particularmente difíceis como as que se viveram no período da Restauração.

A procura do *sal de Setúbal* nesses períodos levou a uma intensa construção de marinhas, desde a embocadura do estuário até quase ao limite da área de influência das marés, não sendo difícil de compreender que tenha havido uma procura das melhores localizações quer em termos da tomada das águas, quer, sobretudo, dos locais de acostagem para carregamento do sal.

Foi certamente um compromisso difícil de alcançar, já que muitas localizações excelentes em termos de qualidade da água (entendida aqui como grau de salinidade), não têm a mesma correspondência em termos de acessibilidade e capacidade de manobra das embarcações, condicionando por isso, de alguma forma, o escoamento do produto, como se verifica no interior da intrincada rede de esteiros e ramais dos canais da Vaia, Mourisca, Faralhão e Praias do Sado. A situação inversa verifica-se em muitas localizações ao longo do canal de Alcácer.

* littorina@mail.telepac.pt. Ornitólogo. Trabalhou durante cerca de 10 anos no Instituto de Conservação da Natureza, realizando entre outros trabalhos inventários de populações de aves aquáticas dependentes de salinas. Actualmente é gerente da empresa Mãe d'água, a qual actua na área da Ecologia realizando estudos, caracterização, gestão e monitorização de sítios de interesse natural, alargando também estes domínios a componentes de divulgação e promoção destes elementos. A Mãe d'água desempenha o papel de entidade coordenadora do Projecto INTERREG – SAL em Portugal

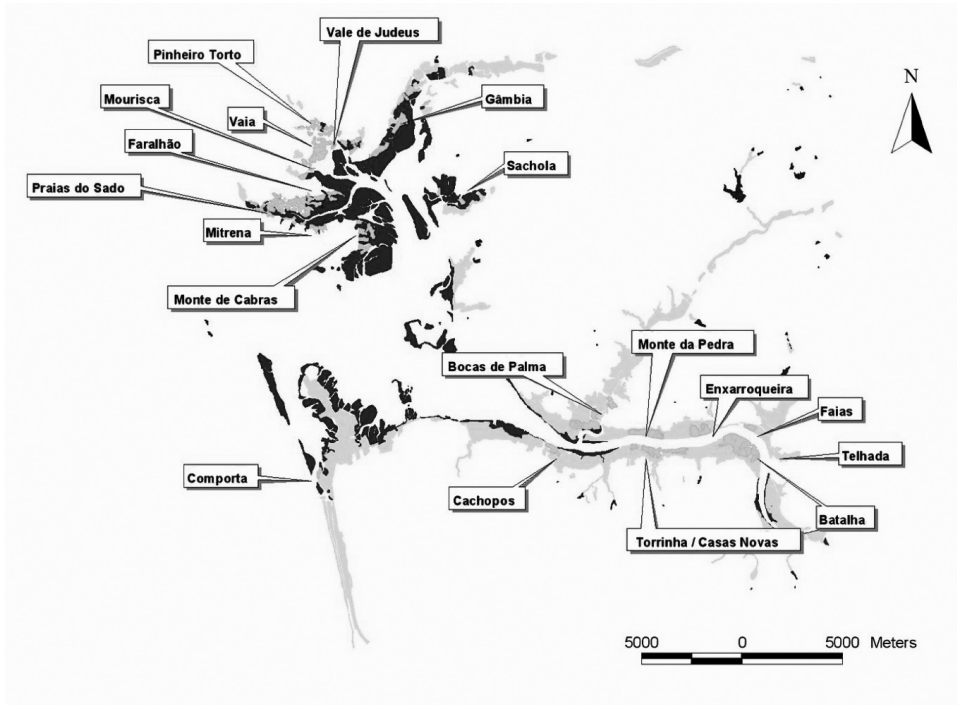


Figura 1 - Localização dos diferentes grupos de salinas existentes no estuário do Sado

Analisando a toponímia coligida por Virgínia Rau (1984) e Erik Lindberg (2005) relativa a grupos, nomes de marinhas e esteiros do salgado do Sado e fazendo a sua correspondência aos grupos actuais de salinas (quadro 1), verificamos que muitos dos locais de produção conhecidos até meados do século XX estão perfeitamente referenciados pelo menos a partir do século XVI-XVII.

É curioso verificar que muitos dos nomes citados por Lindberg corresponderem aos nomes dos esteiros que rasgam todo o salgado e que, como referimos anteriormente, desempenhavam um papel crucial no abastecimento das várias marinhas por eles servidos e também para o escoamento do sal por via fluvial. Outro aspecto interessante focado na documentação citada por Lindberg, reside no facto de salinas situadas no mesmo esteiro terem classificações diferentes quanto à qualidade do sal nelas produzido.

Quadro 1 – Correspondência toponímica actual a partir de Rau (1984) e Lindberg (2005)

<i>Toponímia em Rau (1984)</i>	<i>Toponímia em Lindberg (2005)</i>	<i>Correspondência actual*</i>
Abul	AbulEsteiro do Abul - <i>Bocas de Palma</i>
AlbergeEsteiro do Alberge - <i>Faias</i>
.Baya <i>Vaia</i>
.BombarahlaEsteiro da Bombaralha - <i>Batalha</i>
.BorancaEsteiro da Barroca - <i>Vale de Judeus</i>
.Boza da CazadaEsteiro da Boca da Casada - <i>Praias do Sado</i>
.Cachopos <i>Cachopos</i>
.CarualhasEsteiro das Carvalhas - <i>Vaia</i>
.Chaxolha <i>Sachola</i>
.Esteiro do AlemoEsteiro de Álamo - <i>Vaia</i>
.Esteiro de Joa BarlandrouveEsteiro de João Landrob - <i>Faralhão</i>
.FaralhoFaralhão
.Gambea <i>Gâmbia</i>
.GuarnadihloEsteiro do Granadilho - <i>Praias do Sado</i>
.Mourisca <i>Mourisca</i>
Cabo de Musgos	MusgosPontal de Musgos, sítio nas proximidades do actual grupo da <i>Gâmbia</i>
Esteiro de PalmaBocas de Palma
Espim do Norte	Espam da banda da-NorteActualmente o topónimo tem correspondência apenas na margem sul, na época seria provavelmente uma das designações grupo actual de <i>Bocas de Palma</i>
Espim do Sul	EspimEspim, sítio nas proximidades do actual grupo de <i>Cachopos</i>
Enxorroqueira <i>Enxorroqueira</i>
.Maria MansaEsteiro da Maria Mansa - <i>Faralhão</i>
.Monte de Cabraz <i>Monte de Cabras</i>
Monte VilActual Montevil, nas proximidades de <i>Torrinha/Casas Novas</i>
MotrenaMotrema <i>Mitrena</i>
.MurtaO sítio da margem sul conhecido por Murta situa-se entre os actuais grupos da Comporta e dos Cachopos, não existindo vestígios físicos da existência de salinas neste local
.PainhaEsteiro da Painha - <i>Faralhão</i>
.Pinheiro Torte <i>Pinheiro Torto</i>
.Potte VeueroPorto Viceiro? Existem várias salinas com este nome no grupo das <i>Faias</i>
Vale do JudeuVale de Judeus
.Rio FrioEsteiro do Rio Frio - <i>Praias do Sado</i>
.Telhada <i>Telhada</i>
.ZumbujalZambujal sítio onde existem várias salinas no actual grupo da <i>Gâmbia</i>

Os nomes correspondentes aos grupos actuais (localizados no mapa da figura 1) são apresentados a itálico

Triste presente

Ao longo da sua história o salgado do Sado conheceu múltiplos ciclos de incremento e retracção e até modificações tecnológicas, como as que ocorreram com a chegada ao salgado de produtores de Aveiro (por volta de 1940/1950) que alteraram algumas marinhas setubalenses para a tecnologia ou uso aveirense.

No entanto, a partir de meados da década de setenta do século XX iniciou-se um longo ciclo de abandono e transformação das salinas, originado pela desvalorização

do produto e aumento dos custos de produção, tendo até aos nossos dias sido destruídas ou seriamente danificadas aproximadamente 80% das salinas existentes à data da elaboração do Inquérito à Indústria do Sal promovido pela CRPQF (1957). Das mais de 300 salinas que existiam em actividade nessa época restam menos de 10 em actividade e, destas, algumas em funcionamento parcial com recurso a soluções tecnológicas e adaptações já longe das tecnologias locais que fizeram a excelência do *sal de Setúbal*.

O quadro 2 mostra as principais causas dessa destruição nos diferentes grupos.

Quadro 2 - Causas da destruição ou alteração de uso das salinas do Sado

(ocupação por sapal)

Grupo	Cultura do arroz	Obras (vias de comunicação, urbanização, etc.)	Pisciculturas extensivas (anteriores a 1980/1990)	Pisciculturas intensivas (posteriores a 1990)	Renaturalização
Monte de Cabras		.X		.X	.X
Mitrena				.X	
Praias-do-Sado		.X		.X	.X
Faralhão		.X		.X	.X
Mourisca				.X	
Vaia		.X		.X	
Vale de Judeus				.X	
Pinheiro Torto				.X	.X
Gâmbia			.X	.X	
Sachola			.X		
Bocas de Palma	.X		.X	.X	
Monte da Pedra	.X				
Enxarroqueira	.X		.X		.X
Faias	.X				
Telhada	.X				
Batalha	.X				
Torrinha/Casas Novas	.X				
Cachopos				.X	
Comporta					.X

As figuras 2, 3, e 4 ilustram a situação actual de alguns grupos de salinas do salgado de Alcácer, tendo sido sobrepostas sobre as fotografias aéreas o uso actual dessas antigas áreas salineiras, vendo-se perfeitamente o efeito da expansão dos arrozais e a alteração de uso das próprias salinas, sendo previsível que as suas estruturas venham a desaparecer progressivamente.



Figura 2 – Grupo da Enxarroqueira



Figura 3 – Grupo da Torrinha

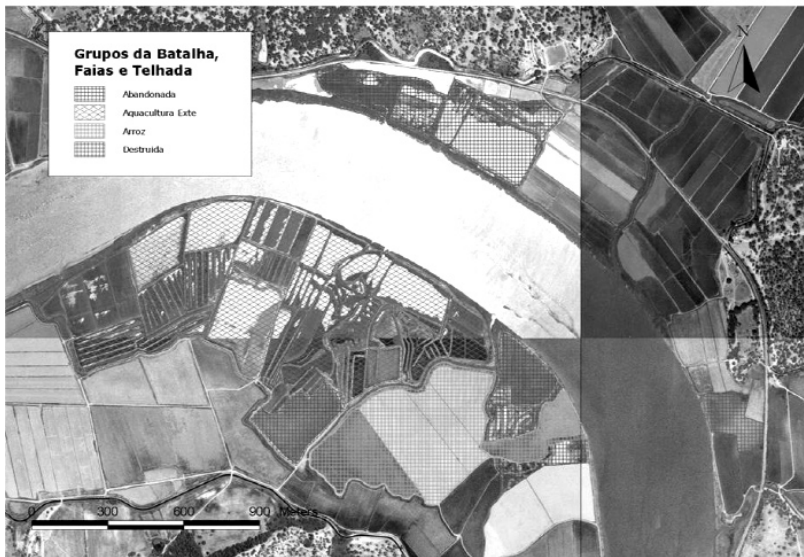


Figura 4 – Grupos das Faias, Telhada e Batalha

Vil futuro?

Em face da evolução do salgado do Sado temos muitas perguntas e poucas respostas:

- Pode a economia ser (sempre) o motor determinante para a construção da paisagem?
- Paisagem / natureza: a Reserva Natural e a Rede Natura 2000 (as salinas do Sado encontram-se no interior de uma ZPE e SIC); o ordenamento não pode parar e inverter a situação?
- Farão sentido as paisagens salineiras sem sal? Que gestão de salinas para a Conservação da Natureza?
- Que argumentos para travar a futura pressão para a transformação de salinas em aquaculturas? (no novo quadro comunitário 2007-2013)
- O antigo prestígio do sal de Setúbal para a salga de peixe não pode ser capitalizado para novos mercados?
- Não será possível retomar a produção através do método tradicional de cristalização sobre tapete de algas (casco), valorizando desta forma um processo verdadeiramente ímpar em termos tecnológicos (logo com uma forte mais valia em termos de marketing)? §

Referências

Lindberg, Erik (2005). *An 18th century Swedish Perspective on the Portuguese salt Industry. With trade and production figures in I* Seminário Internacional sobre o Sal Português. Edição Instituto de história moderna da Universidade do Porto (pag. 176-179)

Rau, Virgínia (1984). *Estudos sobre a história do sal português*. Editorial Presença

Silva, J. Ferreira da (1957). Inquérito à Indústria do sal – V Volume – Salgado de Setúbal. CRPQF